

JOGUEI

Cecilia Carnevale

© 2026 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
JOGUEI

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2026 (1.ª edição)
Referência Interna SP2026.10 | 05.05.2026 | 21:09
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



*Aos que amaram, mentiram, fugiram
e ainda assim ficaram presos ao que sentiram.*

*E aos que, mesmo perdendo,
também jogaram.*

Prefácio

Há livros que se escrevem porque se sabe.
E há livros que se escrevem precisamente porque se percebeu tarde demais que não se sabia coisa nenhuma.

Eu escrevi o JOGO.

Escrevi-o como escrevo quase tudo: com demasiadas palavras, pouca prudência e aquela vaidade conhecida dos homens que confundem memória com propriedade. Achei que tinha visto. Achei que tinha entendido. Achei, sobretudo, que bastava ter estado lá para possuir o direito absoluto sobre o que aconteceu.

É um erro comum.

Os homens gostam muito da palavra versão. Dá-lhes conforto. Parece uma coisa técnica, neutra e quase jurídica. A minha versão. A tua versão. A versão dos factos. Como se os factos fossem cães obedientes e viessem quando chamados pelo nome certo.

Não vêm.

O que aconteceu entre mim e a Cecilia não cabia no meu livro. Cabia apenas a minha parte. O meu espanto. O meu desejo. A minha estupidez. O meu medo decorado com frases melhores do que ele merecia. Cabia a forma como eu a vi entrar num aeroporto, pousar uma mala junto à parede, tocar-me no ombro, calar certas coisas e dizer outras tarde demais. Cabia o que eu soube. Cabia o que eu quis saber. Cabia até o que eu inventei para conseguir dormir.

Mas não cabia ela.

Ou cabia mal.

A Cecilia resolveu então fazer aquilo que talvez já devia ter feito desde o início: escrever de volta.

Não para me corrigir. Corrigir é pouco. E, convenhamos, há homens que já são uma obra demasiado extensa para emenda marginal. Ela escreveu para mostrar o que eu não vi. O que vi e interpretei mal. O que ambos vimos e, ainda assim, não era igual. O medo que tivemos de maneiras diferentes. O medo que tivemos da mesma maneira, embora nenhum de nós o tivesse admitido no momento certo.

Há medos masculinos e medos femininos, dizem. Talvez. Também há frases de homens e silêncios de mulheres que dizem mais do que uma acta

com testemunhas. Mas desconfio dessas classificações. Servem demasiado bem a quem não quer pensar.

O medo, quando é sério, perde o género.

O que muda é a forma como se segura nele.

Eu precisei de mais palavras para descrever a mesma coisa. A Cecilia precisou de menos. Talvez seja uma qualidade das mulheres: a capacidade de retirar lume ao incêndio. Talvez seja apenas uma qualidade dela. Não me apetece transformar uma mulher concreta numa tese sociológica, esse vício masculino de estragar uma pessoa para salvar uma teoria.

Também não quer dizer que todos os homens sejam prolixos, nem que todas as mulheres saibam sintetizar. Há homens que dizem o essencial numa frase e mulheres que fazem de uma vírgula uma guerra civil. A humanidade, infelizmente, continua pouco disponível para as nossas classificações confortáveis.

No meu caso, porém, a acusação procede.

Eu compliquei.

Ela cortou.

Eu escrevi a sala toda: a mesa, a luz, o vinho, a pele, o cheiro do sal, a faca, o envelope, o ruído da dobradiça do portátil e a forma como o mundo parecia aceitar a mentira só porque a tarde estava mais bonita. Ela escreveu o sítio exacto onde aquilo acertava e depois doía. E, com isso, talvez tenha chegado mais perto.

O leitor encontrará aqui as mesmas cenas. Ou quase.

A chegada. A casa. A mesa. O protector solar. Tânger. Gibraltar. Marselha. Milão. Veneza. Lisboa. Os nomes falsos. Os documentos. Os quartos de hotel. Os avisos demasiado curtos para serem inocentes. O chá. O pão. A mulher que não podia dizer tudo. O homem que perguntava pouco quando devia perguntar mais e perguntava demais quando já não servia para nada.

Mas não encontrará o mesmo livro.

Porque o mesmo acontecimento, visto por outro corpo, deixa de ser o mesmo acontecimento.

Eu, no JOGO, escrevi a mulher que chegava.

Ela, no JOGUEI, escreve o homem que a esperava.

Parece uma troca simples. Não é. As trocas simples existem nos contratos mal redigidos e nos casamentos que ainda não foram testados por uma noite longa. Aqui há outra coisa. Há uma devolução. Talvez até uma pequena vingança literária... e seria hipócrita da minha parte fingir que não a mereço um pouco.

JOGUEI

Durante muito tempo pensei que escrever alguém era uma forma de a guardar.

Hoje já não tenho tanta certeza.

Pode ser uma forma de a prender.

Pode ser uma forma de a deformar com cuidado.

Pode ser apenas uma maneira de dizer: não compreendi, mas deixei uma frase bonita no lugar da compreensão.

A Cecília não me pediu licença para escrever este livro. Fez bem. Há mulheres que, depois de terem sido personagem durante demasiado tempo, precisam de recuperar a mão que segura a caneta.

Ela recuperou.

Se no JOGO eu fui o homem que entrou na porta aberta, aqui sou também o homem visto do lado de dentro da sala. Menos heróico. Menos inteligente. Menos dono do movimento. Talvez mais verdadeiro, o que é sempre uma humilhação útil.

Não esperem uma absolvição.

Nem dela.

Nem minha.

Os leitores gostam de escolher culpados com a mesma pressa com que escolhem um vinho no supermercado: olhando para o rótulo e fingindo um qualquer critério. Este livro não oferece esse conforto. A Cecília sabia coisas que não disse. Eu percebi coisas que preferi não saber. Ambos avançamos. Ambos hesitámos. Ambos jogámos quando talvez ainda fosse possível sair da mesa.

E, se jogámos, não foi apenas porque alguém nos empurrou.

Também foi porque havia desejo.

Esse animal sem tribunal.

Havia a pele, claro. Havia o corpo, obviamente. Havia o modo como uma pessoa consegue ser abrigo e armadilha sem mudar de voz. Havia o vício terrível de querer ser visto por quem nos pode destruir melhor do que os outros. E havia, acima de tudo, aquela ilusão patética e indispensável de que duas pessoas, se se tocarem com verdade suficiente, conseguem interromper uma máquina.

Não conseguem.

Mas tentam.

Este livro é a tentativa dela.

Ou a prova de que a tentativa falhou com menos letras do que a minha.

Eu escrevi o que pensei ter vivido.

Ela escreveu o que talvez tenha vivido por baixo do que eu pensava.

Entre uma coisa e outra, há uma distância. Não é grande. É pior. É íntima.

E as distâncias íntimas são as mais difíceis de atravessar, porque não se resolvem com aviões, *ferries*, carros alugados ou nomes falsos. Resolvem-se, quando se resolvem, com uma frase que chega tarde, uma mão que não treme e uma verdade dita sem belezas.

A Cecília escolheu menos palavras.

Não por pobreza.

Por precisão.

Eu escrevi como quem ainda tentava controlar a cena.

Ela escreve como quem sabe que a cena já aconteceu e que o controle, esse velho brinquedo masculino, ficou partido algures entre uma mala junto à parede e uma luz acesa numa casa branca.

Leiam-na, então.

Não como continuação.

Não como explicação.

Muito menos como pedido de desculpa.

Leiam-na como se lê uma segunda lâmina encontrada depois do crime: parecida com a primeira, talvez, mas com outro sangue.

Eu joguei.

Ela jogou.

Eu escrevi.

Agora, finalmente, ela responde.

Octávio Viana

Prólogo

Há nomes que servem para assinar livros.
E há nomes que servem para abrir portas que deviam ficar fechadas.

Começou com um homem à espera num aeroporto.

Devia ter sido simples. Uma chegada, uma mala demasiado grande, um vestido escolhido com intenção, a boca dele a tocar-me antes de qualquer um de nós ter tempo para fingir prudência. Há mulheres que dizem que o desejo as apanhou desprevenidas. Costumam mentir menos do que os homens, mas também mentem. O desejo quase nunca surpreende. O que surpreende é a facilidade com que aceitamos transformar uma falha antiga numa decisão nova.

Eu aceitei.

Aceitei o homem. Aceitei o JOGO. Aceitei o envelope que trazia por baixo do vestido. Aceitei a casa branca, o arroz na mesa, o vinho no copo, a pele dele com sal, sono e expectativa, e a minha própria cobardia vestida de verde. A certa altura, uma mulher de alguma idade já devia saber distinguir uma visita de uma operação. Eu sabia.

Foi por isso que continuei.

Há uma forma de arrogância que se confunde com controlo. Chama-se achar que se consegue entrar numa armadilha levando as próprias chaves. Durante anos vendi essa competência a mim mesma com resultados aceitáveis. Aprendi cedo a ler salas antes de ler contratos. Vi homens sérios a dobrarem a voz quando mentiam. Vi mulheres inteligentes entregarem a liberdade por uma frase bem colocada. Reconheci a violência educada, aquela que não levanta a mão porque tem carimbos, advogados, relatórios e uma conta paga antes do jantar.

Mesmo assim, deixei-me apanhar por um homem que me esperava com uma camisa cor de barro e uma casa posta em ordem.

Não foi o amor que me enganou. O amor não tem essa disciplina. O amor abre uma porta e depois fica à espera, com cara de inocente, como se não tivesse culpa de nada. Quem entrou foram os nomes falsos, os passaportes, os *logs* de hotel, os cartões *SIM*, as reservas pagas por alguém que conhecia melhor a nossa cronologia do que nós. Entrou uma máquina paciente, alimentada por fotografias, mensagens, vozes, recibos, vídeos, *metadata*, fronteiras e pequenos gestos deixados em sistemas.

A máquina não odiava.

Isso teria sido um alívio.

O ódio ainda pertence aos humanos. A máquina limitava-se a correlacionar.

Eu era a Cecília quando punha a mão no copo antes de beber, quando o olhava de lado para perceber se ele estava a escrever ou a fugir, quando me despia sem pedir autorização ao quarto. Era a Mariangela quando a memória exigia outro nome. Era a Melita quando o documento precisava de passar. Era a Camilla num ficheiro que alguém abriu em Zurique com uma segurança moral que deve ter durado até à primeira factura.

Talvez tenha sido todas.

Talvez nenhuma me tenha pertencido.

Esta frase não me absolve.

Também não o absolve a ele.

O leitor gosta de vítimas claras. Não terá essa sorte.

Eu também joguei.

Joguei quando recebi o primeiro envelope e não o queimei. Joguei quando arrumei vestidos a mais numa mala absurda para três dias. Joguei quando vi a ansiedade dele no aeroporto e gostei de a provocar. Joguei quando deixei a mala junto à parede com o lado errado virado para dentro. Joguei quando disse pouco no carro. Joguei quando podia ter avisado. Joguei em Tânger, em Gibraltar, em Marselha, em Milão, em Veneza, em Lisboa e em cidades que pareciam mapas e afinal eram salas com câmaras.

Joguei quando devia ter parado para medir os danos.

Joguei porque a inteligência, quando tem medo, prefere uma encenação a uma verdade.

Havia sempre uma frase.

Activação pendente.

Confirmar presença.

Confia na mulher que te trouxe o pão.

Não bebas o chá que não pediste.

Quarto 304.

Anissa.

Melita.

Hash.

Dezembro.

Palavras curtas, úteis, quase pobres. A boa violência gosta de economia. Não precisa de livros. Não levanta a voz. Não explica. Não pede licença. Entra, senta-se, deixa um envelope e espera que sejamos suficientemente estúpidos para lhe chamar destino.

JOGUEI

As pessoas imaginam a espionagem como uma coisa com armas, fronteiras com guardas, homens de sobretudo e mulheres impossíveis de batom vermelho carregado em bares caros. Isso existe, claro, para tranquilizar os amadores. A forma mais eficaz é outra. Uma assinatura numa plataforma. Uma procuração validada por alguém que não leu. Uma reserva de hotel associada ao cartão certo. Um vídeo sem contexto. Uma voz reconstruída com vogais limpas. Um rosto extraído de três ângulos. Um relatório que não acusa, apenas sugere.

A reputação morre muitas vezes sem grito.

Morre por probabilidade operacional.

Foi isso que fizeram connosco.

Pegaram no passado dele, que já era suficientemente indecente sem ajuda externa, e deram-lhe arquitectura. Pegaram no meu corpo, que já tinha sobrevivido a demasiadas interpretações, e deram-lhe função. Meteram-nos numa narrativa e depois chamaram-lhe JOGO, como se a palavra fosse leve, como se não houvesse sangue por baixo dos tabuleiros. Deram-lhe uma mulher. Deram-me um homem. Deram-nos a possibilidade de pensar que ainda éramos autores da história.

Enquanto ele escrevia, alguém lia.

Enquanto eu tocava, alguém vigiava.

Enquanto ele acreditava reconhecer a minha pele, alguém separava a nossa pele em ficheiros e punha uma prova contra nós a circular.

Não há intimidade mais barata do que a que entra num ficheiro.

Eu sabia mais do que disse.

Ele também.

Essa é a parte que estraga a moral da coisa. Entre adultos, a inocência costuma ser uma versão provisória da cobardia. Eu calei-me em momentos em que uma palavra talvez o salvasse. Ele avançou em momentos em que uma pergunta talvez me destruísse menos. Ficámos assim, cada um a proteger a parte errada, até o JOGO deixar de precisar do nosso consentimento.

Houve sexo, sim.

Convém dizê-lo antes que alguém pense que esta é uma história pura e higiénica. Houve mesas, lençóis, duches, roupas no chão, bocas usadas com ternura e com premeditação, a respiração dele contra mim quando ainda era possível fingir. O desejo não foi intervalo. Foi abrigo, ameaça, prova e, em certas noites, a única forma de verdade que a mentira ainda permitia.

Também houve direito.

E aqui convém não ser infantil.